

O destino de Sarney

14 FEV 1986

CORREIO BRAZILIENSE
PEDRO DO COUTTO

O ministério que o presidente Sarney ora empossa — provavelmente o penúltimo de seu governo, pois o último deverá suceder às eleições de novembro — vem certamente fornecer a identidade indispensável ao início de uma nova etapa, tanto política quanto administrativa, já sem a equipe escolhida por Tancredo Neves, mas agora com a sua própria equipe. Há no pensamento do Presidente da República uma preocupação para com o dinamismo do Executivo, e dessa tendência são provas a escolha de Marco Maciel para a chefia do Gabinete Civil e do Governador Iris Rezende para a Agricultura. O primeiro plano da equipe ministerial será evidentemente ocupado por Maciel e Funnaro, dividindo-se entre ambos os comandos político e econômico do governo que vai-se instalar dentro de dias. Por várias vezes, Sarney já havia se queixado da lentidão de algumas soluções apresentadas e da concretização de algumas iniciativas. A partir de agora, mais à vontade no comando, é de se esperar que cessem as obstruções e a máquina da administração possa fluir mais livremente, pois o compromisso político da equipe passa a ser integralmente, e de forma direta, com o próprio Presidente da República.

Eleitoralmente, em novembro deste ano, o presidente Sarney não corre riscos. Ele pertence aos quadros do PMDB, existe uma

aliança com o PFL, que não será rompida, a força do PDT, muito menor que o prestígio pessoal de Brizola, claro, ficará restrita a poucos estados, e terá que firmar coligações em outros para obter resultados positivos nas urnas. O PT não representa ameaça em eleições proporcionais. O PTB desaparece. E o PDS, o único partido que faz oposição ao Governo, e mesmo assim aparente, vai entrar em um processo de declínio do qual não mais se livrará até seu total desaparecimento que, se não ocorrer este ano, acontecerá em 90. O PDS é um partido fraquíssimo nos centros urbanos e sua força repousava quase integralmente nas áreas rurais. Entretanto, com o surgimento do Partido da Frente Liberal, essas bases passaram a ser divididas entre as duas agremiações. Não fosse somente este o complicador, ainda por cima, o PMDB, em 82, arrebatou mais de oitocentas prefeituras das mãos da antiga Arena. O PDS, como se constata, entrou em liquidação.

Dentro de um quadro político-partidário assim, o presidente Sarney não tem o que temer em matéria de voto na urna. Sua preocupação, evidentemente, deslocar-se-á unicamente para garantir a maioria parlamentar no Congresso, e essa maioria dependerá da composição ministerial. Além do mais, depois do

pleito para a Constituinte, somente haverá eleições em 88, talvez para a própria Presidência da República e prefeituras municipais, o que não acarretará qualquer reflexo em matéria de maioria na Câmara dos Deputados e no Senado Federal. Obter a maioria nas duas Casas do Congresso Nacional, no fundo da questão, é o grande tema, a grande preocupação de Sarney. Como era também a grande preocupação de Tancredo Neves, que sempre identificava na raiz das crises políticas a falta da maioria parlamentar para os governos ao longo da história. A maioria parlamentar, é bom que se lembre, sempre foi também a extrema preocupação de Juscelino Kubitschek, o maior Presidente que este País já teve, o homem que iniciou uma arrancada efetiva no campo da industrialização, e foi capaz de conciliar as grandes contradições nacionais. Conciliou o capital estrangeiro na economia com o apoio de forças de esquerdas e nacionalistas de seu governo. Conciliou o imobilismo paquidérmico do antigo PSD (não confundir com PDS, este ainda mais imóvel) com o ímpeto reformista de sua administração. A respeito de alguns integrantes do Partido Social Democrático, contava-se, à época, até a piada de que saíam de casa, pela manhã, e se dispunham a realizar os maiores esfor-

ços para que não acontecesse nada no País, tão conservadores eram. Juscelino Kubitschek conciliou, ainda, a segurança nacional com todas as liberdades democráticas. E, sem crises, entregou o poder a seu sucessor, Jânio Quadros, eleito pelas urnas. Na campanha de 60, JK omitiu-se quanto ao destino da candidatura do general Teixeira Lott. Foi um erro. Que custou caro a ele e, sobretudo, ao País.

Mas esses são exemplos hoje históricos, que somente podem ser analisados através das lentes clarificadoras do tempo. Estamos no governo Sarney, um governo que, a exemplo da administração de Juscelino, funciona à base de um acordo político, sem o qual o equilíbrio seria rompido. De qualquer forma, há semelhanças a considerar. Sarney, como Juscelino, é um homem efetivamente empenhado em garantir as liberdades democráticas, impulsionar o desenvolvimento, assegurar o mercado de emprego (sem o qual nada se fará de concreto), e conciliar as contradições nacionais, que cresceram muito através dos anos. Fez uma opção também pelo desenvolvimento social, destinando investimentos de porte ao setor, a serem viabilizados através da LBA. E agora escolhe sua própria equipe, faz sua própria opção, e joga o destino de seu governo, da qual para frente, sob sua total responsabilidade.